

1

Nasci sem ter sido consultado. Se sou mamífero, ou burguês, ou brasileiro não o sou por minha escolha. Não preferi o século 20 ao século 10 ou 30. meu aqui e o meu agora são imposições que me determinam. Este fato não pode ser mitigado por qualquer desconversa. Por exemplo pela afirmação que se me orgulho em ser isto ou em ser aquilo. Ufanismo nenhum pode cancelar o fato degradante de ter sido eu jogado para dentro do mundo como algo passivo. Morrerei, e isto é certo. Posso, obviamente, "esperar" por uma outra vida depois da minha morte. Mas essa esperança é, (para falarmos eufemisticamente), um pouco menos certa. Estes são os meus dados: A minha vida é determinada, desde o seu início, pelas condições do meu nascimento. E ela é determinada, desde o seu fim, pela minha morte. Ela é portanto um processo perfeitamente delimitado. Há, nesse processo delimitado, fases imprevisíveis? Há nele lugar para surpresas? Este tipo de perguntas demanda se tenho alguma liberdade.

Para mim é evidente que a minha vida não é previsível. Pelo menos não o é com certeza, embora muita possa ser prevista com grande probabilidade. A probabilidade é resultado de comparação com vidas que partiram de condições semelhantes. Mas a estatística dá sempre margem a surpresas. Serão essas surpresas possíveis sintomas da minha liberdade? Não necessariamente. Podem ser sintomas da minha ignorância quanto às condições que me determinam, já que estas são relativamente complexas. Para Deus, ou para um bom computador, a minha vida é possivelmente totalmente previsível. Aliás, este tipo de Deus ou computador já trabalha a serviço das companhias de seguro. A minha liberdade não pode ser constatada por argumentos como este. A minha preocupação com o futuro não é necessariamente sintoma de liberdade, já que pode ser medo de um destino ignorado mas inevitável.

No entanto, não é pelas razões discutidas que é evidente para mim não ser a minha vida previsível. A razão é outra. A minha vida é evidentemente imprevisível, porque eu decido certos dos meus atos. Mas como? Como posso decidir algo já decidido? Não importa como. As várias ciências podem provar, por A mais B, que toda ação minha é "explicável" fisicamente, ou biologicamente, ou psicologicamente, ou socialmente, ou economicamente, e que por ser explicável, será previsível. E eu posso aceitar essas provas. Mas, paradoxalmente, essas provas e minha aceitação delas não me tira a convicção íntima que às vezes faço o que faço porque decidi fazê-lo. Essa convicção paradoxal, eu a sorvo do mais íntimo núcleo do meu eu. É uma convicção "concreta". Todas as provas ao contrário são abstratas. Ela é sintoma da minha liberdade. Se as provas ao contrário prevalescessem, eu me mataria imediatamente. Porque sem possibilidade de decisão, (por paradoxo que se ja), não há significado na vida. Não me suicido, porque me tozo por livre. E se me suicidasse por não me ter tomado por livre, teria, pelo suicídio, provado a minha liberdade. A liberdade é pois inexplicável, já que contraria a todas as explicações possíveis. Creio que são pensamentos que deveriam iniciar qualquer discussão do termo "liberdade".